

O INVESTIMENTO DA ALEMANHA EM PORTUGAL– PASSADO E FUTURO

José Félix Ribeiro

FCSH/UNL

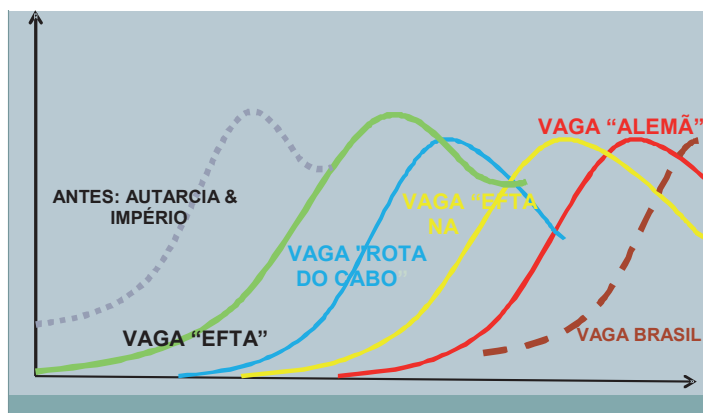
I. Alemanha – o principal actor na renovação da carteira de atividades exportadoras de Portugal nos últimos 25 anos

O conjunto de atividades exportadoras de Portugal surgiram em períodos distintos, em *vagas de investimento* que foram propiciadas

- pela conjugação de processos geoeconómicos que abriram oportunidades de mercado,
- pela existência de fatores abundantes em Portugal que tornaram possível explorar essas oportunidades e
- pela conjugação de políticas macroeconómicas e/ou de regulação que tornaram mais atrativa a exploração desses fatores, quer por investidores estrangeiros, quer por distintos segmentos do tecido empresarial português.

De análises realizadas noutros momentos resulta a identificação de quatro grandes vagas, que se distribuem no tempo a partir do início dos anos 60

Figura I – Vagas de Investimento no Sector Exportador de Portugal



Fonte: DPP

O conjunto de atividades exportadoras de Portugal surgiram em períodos distintos, em *vagas de investimento* que foram propiciadas pela conjugação de processos geoeconómicos que abriram oportunidades de mercado, pela existência de fatores abundantes em Portugal que tornaram possível explorar essas oportunidades e pela conjugação de políticas macroeconómicas e/ou de regulação que tornaram mais atrativa a exploração desses fatores, quer por investidores estrangeiros, quer por distintos segmentos do tecido empresarial português. De análises realizadas noutros momentos resulta a identificação de quatro grandes vagas, que se distribuem no tempo a partir do início dos anos 60 (Figura I *)

1.1. A Vaga EFTA

Esta primeira vaga resulta da integração de Portugal na Associação Europeia de Livre Comércio em que o País tinha como parceiros Países que se localizavam, no essencial, em Ilhas e Penínsulas situadas mais a norte na Europa – Reino Unido, Irlanda, Noruega, Suécia, Dinamarca e Finlândia – além da Suíça

Esta vaga centrou-se em atividades intensivas em recursos naturais, em abundância de trabalho desqualificado e de baixos salários (sobretudo trabalho feminino) e na existência de amenidades valorizadas pelo turismo. Esta vaga foi facilitada pela adoção de um novo Código de investimento estrangeiro em 1965. De entre essas atividades salientam-se:

- Indústrias do Têxtil e Vestuário – com as atividades têxteis essencialmente dinamizadas por capitais portugueses dos vales do Ave e Cávado e o vestuário por investimento direto sueco, suíço, finlandês e holandês;
- Indústrias eletrónicas – com atividades de fabrico de componentes eletrónicos passivos e ativos e de montagem de aparelhos de rádio e televisão dinamizadas por investimento direto estrangeiro, no essencial britânico, norte-americano (através filiais no Reino Unido, que passaram a dispor de uma “bacia de emprego” de baixos salários) e de empresas alemãs (ex: GRUNDIG) que vieram instalar-se em Portugal sobretudo para daqui aceder ao mercado dos países da EFTA;
- Indústrias da Madeira e Papel – com as exportações de artigos de madeira dinamizadas por capitais portugueses, nomeadamente do Centro e Norte do País e de pasta de papel onde foi relevante o investimento sueco, em parceria com capitais portugueses;

* Félix Ribeiro, José “Portugal 2012” “Prospetiva e Planeamento” n.º 16, 2010 Ed.DPP- Departamento de Prospetiva e Planeamento e relações Internacionais.

- Indústrias Agro-alimentares – é o período de crescimento rápido das indústrias de concentrado de tomate com destino sobretudo para o mercado britânico, dinamizado por empresas multinacionais norte-americanas e por capitais nacionais;
- Turismo – esta vaga inclui a “descoberta” do Algarve para turismo de gama alta, tendo o mercado do Reino Unido como foco inicial -, o que se traduziu na instalação dos complexos turísticos no que hoje se designa por “triângulo dourado” – Vilamoura, Quinta do Lago e Vale do Lobo – bem como em Alvor – em que capitais ingleses e holandeses tiveram um papel muito significativo.

Ao mesmo tempo que Portugal “descobria” o caminho das exportações para a EFTA, muitos portugueses optaram pelo caminho da emigração para CEE, e as exportações e as remessas de emigrantes suportaram um crescimento rápido da economia portuguesa de meados dos anos sessenta até 1974.

A “vaga EFTA” terminou, no que respeita à dinâmica do *investimento* no sector exportador, com:

- O pedido de adesão do Reino Unido, Dinamarca e Noruega à então CEE em que os dois primeiros se integram em 1973;
- As transformações sociais ocorridas no pós 1974, que levaram à retirada dos investimentos estrangeiros na indústria eletrónica (com exceção dos investimentos alemães) e, posteriormente, da maioria das empresas de vestuário.

1.2. A Vaga da “Rota do Cabo”

Esta vaga resultou da valorização da localização geográfica de Portugal, em consequência do encerramento do canal do Suez ao tráfego dos petroleiros que transportavam petróleo do Golfo Pérsico para a Europa, na sequência da guerra israelo-árabe de 1967. O acontecimento que desencadeou esta vaga foi a coincidência deste evento com a inauguração de um grande estaleiro naval de reparação de navios no estuário do Tejo, em que estiveram envolvidos o maior grupo empresarial português de então, um estaleiro da Suécia e outro da Holanda.

A procura dirigida a este novo estaleiro de reparação cresceu de forma exponencial e fez descobrir a valia da fachada atlântica de Portugal, já não para a relação com os territórios de África mas com os negócios globais. Sucederam-lhe o investimento no exterior em novos estaleiros concebidos e equipados pela engenharia portuguesa (vd. o mais célebre no Bahrein) e a decisão de construir um estaleiro de construção naval em Setúbal para os petroleiros de maior dimensão da altura.

Esta vaga culmina com a decisão de construir um porto de águas profundas em Sines com um terminal petrolífero, uma nova refinaria em parceria com capitais franceses do negócio petrolífero e de um complexo petroquímico adjacente. A competição entre grupos portugueses do sector da Química determinou que fosse realizado um investimento noutra complexo petroquímico, agora no Norte de Portugal, adjacente à refinaria de Matosinhos. Todos estes investimentos estavam orientados para a exportação.

Esta vaga terminou, em termos de decisões de investimento no sector exportador com o primeiro choque petrolífero e com a alteração radical das condições económicas e sociais pós 1974. Vários dos grandes projetos industriais acabaram por ser concluídos já posteriormente a 1974, com as respetivas empresas já nacionalizadas.

1.3. Vaga “EFTA na CEE”

Após anos de perturbação política associada à “mudança de regime”, a dinâmica exportadora foi retomada, primeiro ainda no quadro do acordo de livre troca com a então CEE e, depois, com adesão de Portugal às Comunidades Europeias.

A integração na CEE, em paralelo com a Espanha, representou uma profunda transformação geoeconómica para Portugal. Ao integrar os mercados ibéricos tornou o território português mais atractivo para o investimento internacional e ao mesmo tempo abriu o mercado de Espanha aos produtos portugueses nomeadamente aqueles produtos que beneficiam de efeitos de proximidade para competir pelos custos (redução dos custos logísticos). Mas a abertura a Espanha não se traduziu em nenhuma transformação na composição da oferta externa de Portugal por via de investimento espanhol. Pelo contrário, este – de uma forma geral – concentrou-se em sectores mais “abrigados” da economia, reproduzindo o padrão de crescimento e internacionalização da própria economia espanhola.

Esta vaga consistiu na redinamização ou atracção de atividades cuja competitividade – tal como acontecera com a Vaga da EFTA – residiam na disponibilidade de mão-de-obra desqualificada e com baixos salários relativos e em recursos naturais. Traduziu-se:

- Num reativar das indústrias têxteis, das malhas e do vestuário – com maior peso destes dois últimos sectores – agora para os mercados da Alemanha, França e Holanda;
- Numa viragem para um forte crescimento exportador de um sector com tradições no País – o Calçado – viragem para a qual também contribuíram várias empresas estrangeiras – alemãs (exROHDE, GABOR etc) e britânica;

- Na expansão do sector dos aglomerados de madeira e do sector de pasta de papel com a instalação de uma nova empresa inicialmente com capitais franco-britânicos e um aumento do peso do papel no conjunto das exportações da fileira florestal;
- Na implantação de várias grandes unidades de fabrico de cablagens para a indústria automóvel (que foram nesta vaga o equivalente das montagens eletrónicas da Vaga da EFTA).

Esta vaga terminou com o avançar da Globalização e com a chegada em massa dos produtores da Ásia (China sobretudo) e com o Alargamento da União Europeia aos países de baixos salários da Europa Oriental (Roménia e Bulgária).

1.4. A Vaga Alemã

Esta vaga foi desencadeada, tal como a anterior, pelo relacionamento de Portugal com a Comunidade Económica Europeia, primeiro sob o regime de um Acordo de Livre Troca e depois como Estado-Membro. Mas, ao contrário das Vagas da EFTA, organizou-se em torno de investimentos em sectores capital, isto é, escala intensivos, exigentes de mão-de-obra qualificada (essencialmente masculina) e mesmo exigentes em competências de engenharia. Estruturou-se – sobretudo devido ao investimento alemão – em torno:

- **Indústria automóvel** -recorde-se que primeiro grande investimento pós 1974 na indústria automóvel foi realizado pela RENAULT em 1980 com a instalação de uma fundição de última geração, de uma unidade de fabrico de motores e componentes mecânicos e uma instalação de montagem de automóveis de gama baixa/média. Mas a retirada na década seguinte desta última componente levou ao redimensionamento das outras unidades. E foi sucedida pelo investimento alemão na AUTOEUROPA, o maior então realizado na indústria portuguesa e acompanhado pelo de vários fornecedores CONTINENTAL THEVES, VAMPRO, WEBASTO etc a que se seguiu a vinda de mais fabricantes de cablagens e de outros componentes de automóvel (vd BOSCH) e ainda pelo investimento da CONTINENTAL no fabrico de pneus; por sua vez a DAIMLER está presente na montagem de veículos comerciais para exportação através da MITSUBISHI TRUCKS;
- **Indústria eletrónica e das tecnologias da informação** – envolvendo o investimento do grupo BOSCH no fabrico de auto rádios e de equipamento de segurança; do Grupo SIEMENS com a instalação das fábricas de componentes eletrónicos da INFINEON (depois QIMONDA) e da EPCOS; refira-se que mesmo

uma das duas mais relevantes empresas de engenharia eletrónica portuguesas – a EID – tem como parceiro uma empresa alemã das indústrias de defesa;

- **Indústria mecânica e elétrica** – envolvendo a já tradicional presença da SIE-MENS (transformadores) e do grupo BOSCH (termo domésticos da VULCANO) e mais recentemente no fabrico de equipamento para energia eólica – com a ENERCON;
- **Indústria Química** – mais recentemente a presença de multinacionais alemãs alargou-se à Química de especialidades com a DEGUSSA no capital da CARBOGAL-Carbonos de Portugal e com a aquisição pelo grupo SGL da FISIFE, integrando-a na cadeia de produção de fibras de carbono – de que o grupo é o maior produtor europeu – e de materiais compósitos.

Refira-se ainda que o maior estaleiro de reparação naval da Europa, localizado em Portugal na LISNAVE, conta com uma participação do grupo alemão THYSSEN KRUPP.

Uma das realizações complementares mais interessantes desta Vaga de investimento industrial foi a criação de uma entidade de formação profissional gerida em conjunto pelos Grupos VOLKSWAGEN SIEMENS e BOSCH: a ATEC localizada na proximidade da fábrica da AUTOEUROPA.

Esta vaga perdeu dinâmica pela conjugação da abertura de oportunidades de investimento das firmas alemãs na Europa de Leste e pelas crescentes dificuldades que alguns dos segmentos dos grupos alemães tiveram na competição internacional (crise da INFINEON com encerramento da QUIMONDA e venda da EPCOS à KEMET *Eletronics*).

Se analisarmos a lista dos 25 maiores exportadores de Portugal para a Alemanha, que consta da Tabela I em Anexo, verificamos o papel chave das empresas alemãs nas exportações de Portugal para a Alemanha, num padrão típico do paradigma de internacionalização da produção no interior de espaços regionais institucionalizados, paradigma que precedeu a Globalização mas que continuou a manifestar-se dominante no caso de Portugal. Verifica-se também a importância das atividades ligadas ao *Cluster* Automóvel, um dos pontos fortes da especialização internacional da Alemanha, aos Termo eletrodomésticos e mais recentemente às energias renováveis. Saliente-se igualmente distribuição destes investimentos pelo conjunto do território de Portugal Continental.

1.5. Choques Externos e Esgotamento de Vagas Exportadoras

Ora a economia portuguesa experimentou um conjunto de quatro choques externos desde 1999 que *retiraram dinâmica às Vagas exportadoras que susten-*

taram a nossa adesão à CEE/UE, choques que ajudam a compreender as suas dificuldades atuais:

- O dinamismo exportador das economias emergentes ou em crescimento rápido da Ásia – com destaque para a China – que se transformaram nos locais privilegiados para a deslocalização industrial destinada à exportação para as economias desenvolvidas;
- O alargamento da União Europeia aos Estados da Europa de Leste, próximos geograficamente da Alemanha, com níveis de escolarização muito superiores aos de Portugal e com tradição industrial;
- A adesão à União Económica e Monetária, que ao traduzir-se numa redução muito forte no nível das taxas de juro e ao proporcionar aos bancos portugueses novas facilidades de financiamento no mercado de capitais europeus desencadeou uma corrida ao endividamento das famílias para aquisição de bens de consumo importados e para aquisição de casa própria e/ou construção de residências secundárias levando a uma breve dinamização do sector da construção;
- A elevação dos preços do petróleo que aumentaram significativamente o valor das importações energéticas de Portugal, cuja intensidade energética de crescimento e cuja dependência de fontes primárias de energia importada é elevada.

A atuação conjunta destes quatro factores determinou um agravamento das contas externas, já que não houve a partir de 2000 nada de novo em termos de investimentos significativos na oferta de bens e serviços transaccionáveis que combinasse *Volume e Variedade*.

1.6. A “Vaga Brasil” – da Exportação ao Investimento no Exterior

A perda de dinamismo destas Vagas sucessivas de investimento, num contexto em que os principais polos empresariais portugueses se vincularam a atividades e sectores mais virados para o mercado interno, traduziu-se num impasse das exportações portuguesas.

Mas tal não aconteceu com o investimento internacional de grandes empresas portuguesas de setores infraestruturais – o que designámos como “Vaga Brasil” em que a Portugal Telecom, a EDP, a GALP Energia, a CIMPOR e empresas de Engenharia e Construção investiram não só no Brasil como no Magrebe e na África Austral. As facilidades de financiamento externo posteriores à adesão à UEM, constituíram um fator decisivo deste movimento.

II. Portugal – fatores de atratividade do investimento direto estrangeiro e oportunidades na globalização

Portugal tem atualmente uma presença nos mercados internacionais que é muito vulnerável à concorrência de grandes economias emergentes e a cada vez maior número de economias em desenvolvimento. Estando inserido na UE – uma das regiões com um mau desempenho nos próximos anos – o País não pode crescer mantendo o foco, nem exclusivamente no que já exporta, nem mantendo uma fixação na Europa.

Para responder à crise em que se encontra, tem de organizar uma “expedição colectiva à globalização” – (um desafio coletivo às empresas para que se internacionalizem) para voltar a crescer. A retoma do crescimento deve assentar numa vaga de investimento (nacional e de IDE) e na exportação. Como temos referido, parece-nos consensual que:

1. A retoma do crescimento tem que assentar numa nova vaga exportadora de bens, serviços, conteúdos e conceitos, e não apenas na viragem da atual carteira de atividades exportadoras para novos mercados; ou seja tem que assentar na abertura de oportunidades no mercado exterior suficientemente vastas para que justifiquem um aumento substancial e continuado do investimento no sector exportador, contribuindo para diversificação da carteira de atividades exportadoras

2. A retoma do crescimento, num período de austeridade interna, exige em paralelo uma dinâmica do mercado interno que tem que contar com a atração de rendimento vindo do exterior, não só como turismo, mas sobretudo como acolhimento de dezenas de milhares de novos residentes vindos da Europa, que podem contribuir também para animar as atividades imobiliárias e de construção, valorizando ativos hoje acumulados como crédito mal parado. Por sua vez, a importância crucial dos serviços na atração de rendimento aconselha que a tributação indireta sobre eles seja claramente inferior aos seus níveis atuais.

3. Num período prolongado de limitação da capacidade de financiamento interno – do Estado e dos bancos comerciais – esta vaga exportadora tem que assentar em atividades pouco intensivas em capital e muito intensivas em competências e conhecimentos, que se encontram quase todas quer em sectores de serviços ou de em sectores industriais muito exigentes em serviços (I&D, Design e Marketing) deixando para o investimento direto estrangeiro o investimento industrial em sectores mais intensivos em capital que possam localizar-se em Portugal devido ao seu posicionamento e características geográficas e às suas opções geoeconómicas.

4. A retoma do crescimento para ser sustentada tem que assentar num aumento substancial da produtividade dos fatores – capital, conhecimento/

tecnologia, trabalho e terra – quer nos sectores exportadores, quer nos sectores mais “protegidos” da concorrência internacional e que atualmente, por estarem sob controlo do Estado não podem evoluir para soluções muito mais eficazes e eficientes (rompendo com a uniformidade típica dos serviços prestados pelo Estado); e o IDE tem que ser um vetor fundamental nesse aumento de produtividade.

5. Nessa descoberta de novas funções, novos mercados, novas atividades e novas maneiras de realizar a atividades onde acumularam competências, as empresas multinacionais podem fornecer volume em atividades que tenham forte procura internacional, empreguem recursos humanos qualificados e permitam a Portugal posicionar-se nas respetivas cadeias de valor de modo a poder ascender gradualmente nessa cadeias. Enquanto as PME's, as *start ups* fornecerão a variedade. Volume e Variedade são as duas componentes chave numa vaga de internacionalização para que seja rápida nos efeitos e prudente no evitar dependência exclusiva de um número restrito de grandes operadores.

O investimento direto estrangeiro que nós precisamos de atrair não irá centrar-se unicamente na indústria como aconteceu na década de 80 e 90 em torno do automóvel e da eletrónica e material eléctrico. A evolução recente revela uma vaga de vendas no exterior realizada por multinacionais que localizam em Portugal centros de I&D e centros de competência para os seus respetivos grupos e redes; realizam *outsourcing* em Tecnologias de Informação, ou instalam centros de recursos partilhados e *contact centers*, serviços que ocupam hoje no seu conjunto dezenas de milhares de empregos, recrutando quer trabalhadores jovens, escolarizados, mas não ainda qualificados, quer os engenheiros de elevada qualidade. Assim, hoje será tão importante atrair uma clínica de renome internacional, uma empresa de equipamento médico, um produtor de conteúdos para internet, uma empresa de telecomunicações para localizar unidades de consultadoria para o mundo, como uma empresa de aeronáutica ou de veículos eléctricos para uso urbano.

Antes da atual crise Portugal começava a dispor de fatores estruturais de atratividade para uma nova geração de atividades exportadoras de *bens*, *serviços*, *conteúdos* e *conceitos*. Neles se incluíam:

Qualidade dos quadros técnicos, nomeadamente, engenheiros que se formam em várias instituições do Ensino Superior em Portugal;

- Existência de quadros qualificados em áreas funcionais horizontais e de uma população jovem escolarizada, sem qualificações, mas qualificável num curto prazo de tempo;

- Concretização desde 1986 do maior programa de formação avançada de recursos humanos em Ciências e Tecnologias da história moderna de Portugal, envolvendo dezenas de milhares de jovens que frequentaram universidades nos EUA e Europa, em formações pós licenciatura;
- Existência de uma rede de Institutos Politécnicos e Universidades com capacidade para formar quadros adaptados a necessidades das empresas;
- Existência dum conjunto já assinalável de Centros de I&D, avaliados periodicamente por peritos estrangeiros, em Ciências e Tecnologias da Saúde, Ciências da Computação, Tecnologias da Informação e Comunicações, Engenharia Mecânica, Automação e Robótica, Biologia e Biotecnologia etc.;
- Disponibilidade de Fundos Estruturais da União Europeia para co-financiar programas de formação dedicada às necessidades específicas de empresas individuais e de grupos de empresas;
- Excelente adaptação e múltiplas oportunidades de formação de jovens em línguas estrangeiras e possibilidade de empregar recursos humanos em múltiplas línguas;
- Relação favorável qualidade/custo aos vários níveis de qualificações, hoje mais patente nas qualificações elevadas.

E simultaneamente:

- Vantagens da Integração num espaço económico como a União Europeia e ausência de riscos cambiais como resultado da participação na zona euro;
- Localização favorável à instalação de atividades orientadas para os mercados do Atlântico Norte (posição valorizada pela constituição da futura Zona de Livre Troca Transatlântica), Atlântico Sul e Mediterrâneo/Médio Oriente;
- Localização geográfica que permite, devido à diferença de fusos horários, que Portugal seja um destino de *nearshore*¹⁷ na Europa, podendo ao mesmo tempo trabalhar no ciberespaço em articulação com países geograficamente muito distantes;
- Qualidade das telecomunicações e serviços afins; presença de operadores internacionalizados;
- A oferta diversificada de habitação, com custos em redução quer nas duas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto, quer em cidades médias;

¹ "Nearshore" – presença de uma empresa multinacional, com sede noutra espaço geográfico, junto de uma zona para onde pretende exportar os seus produtos.

- A qualidade de vida, e o investimento realizado em infraestruturas de saúde, educação, ambiente e acessibilidades e variedade e a qualidade dos serviços pessoais e das atividades culturais;
- O capital social e os valores imateriais, a tolerância, a capacidade de integração.

E mais recentemente:

- A estes fatores estruturais vieram acrescentar-se as reformas introduzidas na legislação do trabalho e na gestão do mercado de trabalho que permitem às empresas maior flexibilidade na gestão dos recursos humanos que empregam.

Este conjunto de fatores serão decisivos para atrair empresas multinacionais para Portugal e, ao mesmo tempo, gerar empresas inovadoras no País permitindo em conjunto gerar o *Volume* e *Variedade* que as “vagas exportadoras” necessitam para serem transformadoras da economia.

Partindo da exploração destes Fatores de Atratividade, a Globalização pode abrir a Portugal um conjunto de Oportunidades de encontrar “Vagas Exportadoras” que se articulem com o dinamismo do mercado interno e, desse modo, permitam consolidar o Crescimento. Podem antecipar-se oportunidades futuras a quatro níveis:

- Portugal como Plataforma de Serviços às Empresas Globais (Funções de *back office*, *outsourcing* de TI, Centros de Competência, Centros I&D, Local de Demonstração de Novas Soluções etc.); gerando internamente, nessas áreas, novas empresas de serviços viradas para o exterior;
- Portugal como Pólo Europeu de Serviços de Acolhimento, Saúde e de Entretenimento (destacando-se os serviços clínicos, os serviços de reabilitação, o desenvolvimento de *software* para gestão hospitalar e de serviços de saúde, a produção de fármacos e outros produtos para utilização hospitalar) e a multiplicação de empresas especializadas em entretenimento digital e multimédia;
- Portugal como Pólo de Desenvolvimento e Teste de Novos Conceitos Urbanos, por integração das áreas da Edificação, Mobilidade, Comunicações e Energia (mobilizando empresas multinacionais interessadas em ter ofertas integradas para cidades e em testá-las em Portugal, ou em oferecer soluções inovadoras de mobilidade automóvel ou de energia descentralizada; ateliers portugueses

de arquitetura com experiência internacional em projetos de urbanização; empresas de engenharia & construção com oferta diversificada em construção urbana; empresas de engenharia elétrica e eletrónica etc.);

- Portugal como Plataforma de Integração e Manutenção Industrial em Produtos Complexos – Automóvel, Aeronáutica, Reparação Naval e Construção Oceânica e do *Offshore*. – incluindo os serviços logísticos necessários à atividade industrial e a eventual localização de respetivos centros de engenharia em Portugal, e também como Plataforma europeia de abastecimento e armazenamento energético e de movimentação de carga contentorizada.

III. Como poderia, no futuro, a Alemanha contribuir para que Portugal se reposicionasse na globalização?

3.1. Atracção de Investimento

Poderíamos encara no futuro um conjunto de investimentos alemães que contribuíssem para a consolidação destas quatro plataformas:

- Investimento de empresas alemãs em Portugal em **Serviços às Empresas prestados à distância** e na criação de **centros de competência e de I&D de grupos multinacionais alemães**
- Investimento de empresas alemãs em Portugal **em atividades ligadas à Saúde** – instalação de clínicas, consumíveis hospitalares, equipamento hospitalar, componentes e sistemas biomédicos , telemedicina, fármacos para uso hospitalar etc.;
- Desenvolvimento de atividades de **engenharia automóvel** e utilização de Portugal para experimentação de soluções de **mobilidade elétrica** e de fabrico de veículos elétricos (veículos de duas rodas ou *city cars*);
- Fabrico em Portugal de soluções de produção descentralizada de eletricidade e de hidrogénio com base em energias renováveis e escolha de Portugal como local de experimentação da difusão de células de combustível em aplicações estacionárias de produção descentralizada de eletricidade com base em gás natural;

* Ver a este respeito o documento elaborado para a Confederação do Comércio e Serviços de Portugal (CCP) intitulado “Os Serviços e a sua Inserção numa Especialização Inteligente que Reposicione Portugal na Globalização” 2013.

- Escolha de uma ou duas cidades portuguesas para que empresas alemãs implantem soluções inovadoras e integradas de energia, mobilidade sustentável e de novas soluções de edificação sustentável;
- Apoio à instalação em Portugal (ex LISNAVE) de serviços de reparação e manutenção aos equipamentos de exploração do petróleo e gás natural no *offshore* da África Ocidental (plataformas petrolíferas e navios FPSO – *Floating Production, Storage and Offloading*).

E porque não?

- Escolha de Portugal para implantação de unidades fabris, de **empresas alemãs em parceria com empresas da Índia**, e destinadas aos mercados da bacia do Atlântico Sul.

2.2. Atração de Rendimento

Nesta Componente chave de uma estratégia de retoma do crescimento após um programa tão exigente de consolidação orçamental e desalavancagem do setor bancário seria muito vantajosa a negociação, a nível bilateral, com Estados da UE como a **Alemanha**, a Suécia, a Áustria, a Holanda, o Luxemburgo e a Finlândia, de

- Acordos para permitir que nacionais desses Estados que residam e trabalhem em Portugal durante mais de seis meses no ano tenham a tributação do seu rendimento de acordo com a legislação portuguesa (após revisão desta que a torne mais atrativa)
- Acordos que contemplem a concessão de facilidades fiscais ao crédito obtido junto dos bancos da Alemanha por cidadãos alemães para investimento residencial no território português.

ANEXO

Tabela I – as 25 empresas maiores exporadtdoras para a Alemanha

	EMPRESA	SETOR	ORIGEM CAPITAL	LOCALIZAÇÃO (NUTS III)
1º	VOLKSWAGEN AUTOEUROPA	Fabricação de Automóveis	Alemanha	PENÍNSULA DE SETÚBAL
2º	CONTINENTAL MABOR	Fabrico de Pneus	Alemanha	AVE
3º	BOSCH CAR MULTI- MEDIA	Fabrico de Eletrónica Au- tomóvel	Alemanha	CÁVADO
4º	PORTUCEL/SOPO- RCEL	Fabrico de papel	PORTUGAL	BAIXO MONDEGO & PENINSULA DE SETUBAL
5º	ENERCON	Fabrico de compo- nentes p/Aerog- eradores	Alemanha	MINHO LIMA
6º	DELPHI AUTOMO- TIVE	Fabrico Compo- nentes p/Au- tomóvel	EUA	
7º	GROHE PORTUGAL	Fabrico Torneiras e Outros Artigos Sanitários	Alemanha	BAIXO VOUGA
8º	VISTEON ELETRÓNICA	Fabrico de Eletrónica Au- tomóvel	EUA	PENÍNSULA DE SETÚBAL
9º	GABOR PORTUGAL	Fabrico de Calçado	Alemanha	CÁVADO
10º	PREH	Fabrico Compo- nentes p/Au- tomóvel	Alemanha	AVE
11º	LABESFAL/FRESE- NIUS	Fabrico de produ- tos Farmacêuticos	Alemanha	DÃO LAFÕES
12º	NANIUN (EX QUI- MONDA)	Fabrico de Com- ponentes Micro eletrónicos	Portugal (ex- Ale- manha)	GRANDE PORTO

13º	REPSOL POLÍMEROS	Fabrico de Matérias Primas plásticas	Espanha	ALENTEJO LITORAL
14º	REBLADES	Fabrico de componentes p/Aerogeradores	Portugal	BAIXO VOUGA
15º	COINDU	Fabrico Componentes p/Automóvel (Têxteis)	Portugal	AVE
16º	CONTEINENTAL TEEVES	Fabrico Componentes p/Automóvel	Alemanha	PENÍNSULA DE SETÚBAL
17º	EURO PAC & KRAFT	Fabrico de Papel e Cartão	Espanha	MINHO LIMA
18º	SHEFFLER PORTUGAL	Fabrico de Produtos Metálicos (rolamentos)	Alemanha	OESTE
19º	TYCO ELETRONICS	Fabrico de componentes eletrónicos	EUA	ALENTEJO CENTRAL
20º	SOMINCOR	Produção de concentrados de Cobre	SUÉCIA/CANADÁ	BAIXO ALENTEJO
21º	LEICA – APARELHOS DE PRECISÃO	Fabrico de Artigos Óticos	Alemanha	AVE
22º	HUF PORTUGUESA	Fabrico de Componentes p/Automóvel	Alemanha	DÃO LAFÕES
23º	GROZ BECKERT	Fabrico de componentes p/Máquinas Têxteis (agulhas)	Alemanha	GRANDE PORTO
24º	EUGSTER & FRISM	Fabrico de eletrodos-mésticos	Alemanha	OESTE
25º	DALPHI METAL	Fabrico de Componentes p/Automóvel	EUA	MINHO LIMA